

SUBJETIVIDADES ESCOLARIZADAS: O QUE ESTAMOS FAZENDO DE NOSSOS JOVENS?

Autor: Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliani

Pertenencia institucional: Faculdade de Educação/UFGD

E-mail: rosemeireziliani@ufgd.edu.br

RESUMO: O texto socializa resultados de pesquisa em andamento sobre o entendimento de jovens matriculados no ensino médio de escolas estaduais do município de Dourados, Mato Grosso do Sul, sobre a educação escolar oferecida e dos modos como a tomam em suas vidas. Os resultados de um instrumento aplicado em duas instituições foram objeto de atenção neste trabalho. Trata-se de pesquisa qualitativa, com análises provisórias apoiadas nos estudos foucaultianos. Segundo essa perspectiva, os processos de escolarização, como dispositivo, foram considerados constituidores de subjetividades jovens, pois estes se reconhecem nos discursos educacionais que circulam não somente no interior da escola, mas na mídia, na política, na produção científica e nas relações sociais. Considerada instância produtiva, o espaço-tempo escolar ocupa, desde o início do século passado, parte significativa da vida de crianças e jovens e, em certa medida, os compõem e conformam como sujeitos/subjetividades escolarizadas. Observou-se que essa produção discursiva, “regime de enunciações”, sobre escolarização e subjetividades jovens, conectadas a outros discursos e práticas, configura e delimita as capacidades individuais, sendo descrita pelos sujeitos da pesquisa como parte de suas vidas. Detectou-se, contudo, que os jovens não se “conformam” nessas práticas nem em discursos de modos idênticos. Os aspectos provisórios apontados neste trabalho determinaram a pergunta explicitada em seu título, sobre o que estamos fazendo de nossos jovens, e, sem dúvida, de nós mesmos, nos espaços educativos e de escolarização, onde estamos pensando e fazendo. Também, alimentam o caminho a seguir na continuidade da pesquisa.

Palavras-chave: Processo de escolarização. Dispositivo. Discursos.

RESUMEN: El texto socializa resultados de la investigación en andamiento sobre el entendimiento de jóvenes matriculados en la Enseñanza Media de las escuelas estatales del municipio de Dourados, Mato Grosso do Sul, sobre la educación escolar ofrecida y de los modos como la toman en sus vidas. Los resultados de un instrumento aplicado en dos instituciones fueron objeto de atención en este trabajo. Se trata de investigación cualitativa, con análisis provisionarios, apoyados en estudios foucaultianos. Según esta perspectiva, los procesos de escolaridad, como dispositivo, fueron considerados constituyentes de subjetividades jóvenes, pues estos se reconocen en los discursos educacionales que circulan no solamente en el interior de la escuela, pero también en la prensa, en la política, en la producción científica y en las relaciones sociales. Considerada instancia productiva, el espacio-tiempo escolar ocupa, desde el inicio del siglo pasado, parte significativa de la vida de niños y jóvenes y, en cierta medida, los componen y conforman como sujetos/subjetividades escolarizadas. Se observó que esa producción discursiva, “régimen de enunciaciones”, sobre escolarización y subjetividades jóvenes, conectadas a otros discursos y prácticas, configura y delimita las capacidades individuales, siendo descrita por los sujetos de la investigación como parte de sus vidas. Se detectó, sin embargo, que los jóvenes no se

“conforman” en esas prácticas ni en discursos de modos idénticos. Los aspectos provisorios apuntados en este trabajo determinaron la pregunta que aparece en su título, sobre lo que estamos haciendo de nuestros jóvenes, y sin duda, de nosotros mismos, en los espacios educativos donde estamos pensando y haciendo. También, alimentan el camino a seguir en la continuidad de la investigación.

Palabras-clave: Procesos de escolarización. Dispositivo. Discursos.

INTRODUÇÃO

O texto apresenta resultados de pesquisa em andamento (Ziliani, 2012-2014) acerca do entendimento de jovens do ensino médio sobre o processo de escolarização no qual estão inseridos e sobre a importância que lhe dedicam em suas vidas. Em outros termos, a pesquisa buscou uma aproximação dos modos de subjetivar a experiência escolar de jovens matriculados em instituições públicas e que oferecem ensino médio no município de Dourados, MS. Deu-se ênfase e visibilidade mais detalhada neste trabalho às questões sobre educação, buscando interpretar, de forma ainda introdutória, o que esses sujeitos estão dizendo e fazendo com os processos de escolarização que os compõem e conformam.

Considerado instância produtiva, o espaço-tempo escolar ocupa, desde a segunda metade do século passado, parte significativa da vida de crianças e jovens, e, em certa medida, os compõem subjetividades escolarizadas e também as não escolarizadas, pois os que a ela não têm acesso tomam para si essa ausência e nela configuram seus “eus”, assumindo estereótipos como analfabetos, não qualificados, improdutos e outros.

As reflexões preliminares apresentadas apoiam-se em estudos inscritos na perspectiva foucaultiana e dialogam com produções bibliográficas dedicadas a pensar a relação entre escolarização e subjetividade, dando valor aos escritos dos jovens.

Para uma aproximação do objetivo proposto, o texto evidencia, na primeira parte, as bases teórico-metodológicas utilizadas e, em seguida, apresenta alguns resultados das respostas dos jovens sobre a educação escolar da qual participam, suas críticas e proposições, buscando ainda dar ênfase as suas expectativas dirigidas ao ensino superior. Ao final, teceram-se considerações preliminares sobre discursos e práticas de escolarização, enlaçadas pelas respostas oferecidas pelos jovens.

Reflexões teórico-metodológicas

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

A noção de discurso foi utilizada como ferramenta teórico-metodológica e entendida como uma prática: “prática discursiva”. Segundo Foucault (2001), o discurso pode ser definido como um “conjunto de enunciados” ou como uma prática social e produtiva que contribui para a constituição tanto da realidade como dos sujeitos de que a tratam. Os enunciados são, conforme explica Fischer (2001), uma “função” do discurso. O ato enunciativo é um ato de fala, que se inscreve em determinada formação discursiva segundo um “regime de verdade”. Essa última funciona como uma “matriz de sentido”, na qual os falantes se identificariam e se reconheceriam porque seus significados parecem familiares, “óbvios”, “naturais”. Nesses termos, exercer uma “prática discursiva” é falar segundo determinadas regras, expor as relações que ocorrem em um discurso específico.

Nesse sentido, adotou-se como possibilidade de análise certa ênfase dada, nas últimas décadas, à escolarização na vida dos jovens, entendendo-a como um “regime de enunciados”, ou de “enuniação”; como algo que está presente não somente no discurso educacional ou pedagógico, mas no político, econômico, psicológico, midiático, entre outros. Discursos que, portanto, não são plenamente independentes e que se articulam a outros que também dizem respeito aos jovens, à escola e ao processo de escolarização.

Esses discursos são reproduzidos e/ou transformados e circulam no interior das instituições escolares, contribuindo para objetivar os sujeitos/subjetividades (Fischer, 2001, 2012). Melhor ainda, esses discursos têm sua “aplicabilidade aumentada” nas instituições sociais (o não discursivo) como a escola e, em alguma medida, são referência para que tanto as instituições como os sujeitos neles se reconheçam.

As noções de subjetivação e de sujeito/subjetividade dizem respeito a como se constituem sujeitos de tipos específicos em cada cultura e sociedade, mas também como este constitui a si mesmo envolto em diferentes práticas e discursos. Nesses termos, designa-se “processo de subjetivação” o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade¹ (Revel, 2005). Contudo, trata-se aqui menos de uma preocupação com o tipo de sujeito produzido - “um eu, um indivíduo, um agente” - e mais com “aquilo que os seres humanos são capacitados a fazer por meio das formas pelas quais

¹Os modos ou processos de subjetivação do ser humano correspondem a dois tipos de análise: primeiramente, os modos de objetivação, que transformam os seres humanos em sujeitos (como os discursos/práticas escolares). Isso significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; e, em segundo lugar, entende-se a maneira pela qual a “relação consigo”, por meio de certo número de técnicas, permite a cada um se constituir como sujeito de sua própria existência (Revel, 2005).

são maquinados ou compostos” (Rose, 2001, p. 167), pela intervenção e conexão de diferentes dispositivos.

Entre esses dispositivos, deu-se ênfase ao “processo de escolarização”. O dispositivo, seguindo Foucault (2000), é um “conjunto de regras” que se organizou desde fins do século dezoito e passou a dirigir os discursos e as práticas sobre o homem, de definir o espaço e os modos adequados de torná-lo civilizado pela educação, e, mais recentemente, passou a se denominar dispositivo de escolarização²:

Dispositivo, rede de saber-poder, que se desenha pelo conjunto heterogêneo de práticas discursivas e não-discursivas, e que se articula às demais estruturas. Nesse sentido, é que se pode afirmar que a educação [...] participa dessa rede que conforma o dispositivo, é um dos seus elementos. (Ziliani, 2010, p. 288).

Segundo dados do Censo Educacional (Brasil, 2009), observou-se a expansão do número de matrículas no ensino médio entre 2003 e 2009, configurando um acréscimo de aproximadamente 80%. As últimas diretrizes para o nível médio da educação foram recentemente atualizadas evidenciando uma atenção cuidadosa com ela por parte do Estado brasileiro (Moehlecke, 2012).

As reformas educacionais ocorridas no país, em especial na década de 1990 e início deste século, em certa medida, ampliaram os anos de escolaridade e também o número de adolescentes e jovens na escola, contudo “as desigualdades educacionais continuam a se reproduzir e a se multiplicar” (Leão, 2006, p. 3), deixando fora dela um número significativo de jovens (Rocha, 2000), evidenciando que o “abandono” nessa modalidade é recorrente.

Apesar do abandono enfatizado nas estatísticas, desde os anos de 1990 acirram-se as chamadas para a importância dos processos de escolarização na vida de adolescentes e jovens, conforme explicitam Silva, Pelissari e Steimbach (2012, p. 3):

[...] verifica-se – ao mesmo tempo em que se percebem altas taxas de abandono – a ênfase na importância da escola na vida do jovem, de maneira que juventude e escolaridade passam, em alguns momentos, a confundir-se, dada a organicidade dessas duas condições de vida na modernidade.

²O domínio de saber das ciências humanas organizou-se em fins do século XVIII como saber “verdadeiro” sobre o homem e, ao mesmo tempo, o colégio/escola como o melhor lugar para ensinar esse homem, transformado, a partir de então, em sujeito e objeto de conhecimento. Saber inscrito em uma tecnologia específica de poder, pois todo saber tem sua gênese em relações de poder, sendo mesmo delas inseparável. Conforme Foucault (2000) pode-se afirmar que os saberes das ciências humanas foram constituídos em um tipo muito particular de relações de poder denominadas de tecnologia disciplinar: uma forma de controle e vigilância que permite qualificar, classificar e punir.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Ressalta-se que como pesquisa qualitativa e em decorrência da perspectiva adotada, procurou-se não enfatizar somente o resultado com maior número de escolhas, optando-se pela apresentação e análise geral das respostas que, em certa medida, podem evidenciar como os diferentes sujeitos “adotam” a educação escolar na constituição de si mesmos.

Retomando a noção de discurso, como o que é dito (falado, escrito), evidencia-se que ele não é a manifestação de um sujeito individual; antes os sujeitos e as instituições se reconhecem em determinados discursos. Nesses termos, não se tomaram os escritos dos sujeitos da pesquisa como a expressão de uma “individualidade soberana”, “dado primordial” ou “capacidade latente”, mas como elemento dos processos nos quais foram objetivados como tal e de múltiplas relações. Nem mesmo pela “socialização”, “interação” entre mundo biológico, “natureza humana” e “mundo social”, como algumas psicologias defendem.

A “interioridade psicológica”, em conjunto com outras capacidades e relações, é constituída, como nos sugere Rose (2001, p. 145-146),

[...] por meio da ligação dos humanos a outros objetos e práticas, multiplicidades e forças. São essas variadas relações e ligações que produzem o sujeito como um agenciamento; elas próprias fazem emergir todos os fenômenos por meio dos quais, em seus próprios tempos, os seres humanos se relacionam consigo próprios em termos de um interior psicológico: como eus desejantes, como eus sexuados, como eus trabalhadores, como eus pensantes, como eus intencionais, [como eus escolares] – como eus capazes de agir como sujeitos.

A pesquisa utilizou questionários, e encontra-se em andamento uma etapa denominada “sessões de debate” sobre jovens e educação, com alunos das segundas e terceiras séries do ensino médio, de quatro escolas estaduais. Foram apresentados e analisados neste trabalho os resultados dos questionários aplicados em duas delas. Uma é objeto de estudos e intervenções dos pesquisadores da educação local, considerada referência no nível médio de escolarização no município. Nesta, o instrumento foi aplicado no final de 2012 e contou com a participação de 65 adolescentes e jovens, sendo 26 da terceira e 39 da segunda série, do período diurno. A segunda escola é mais periférica e de menor porte, e oferece as três séries do ensino médio, nos períodos diurno e noturno. Dela participaram da pesquisa, no início de 2013, 64 alunos, sendo 30 da terceira série do período diurno e 34 da segunda do período noturno. O total de jovens participantes da pesquisa, nas duas escolas selecionadas para este trabalho, foi de 129. A idade variou entre 15 e 23 anos, sendo 71 do sexo masculino, 57 do feminino e 1 que não identificou o sexo.

O questionário, organizado sem a identificação nominal dos jovens, inclui treze questões, algumas com alternativas previamente estabelecidas e outras abertas. As cinco primeiras tratam de temas ligados à concepção de juventude, a assuntos de interesse, a expectativas em relação ao futuro e a espaços de importância em suas vidas. As demais indagam sobre educação em geral e educação escolar.

Escritos dos jovens: resultados obtidos

Antes de iniciar a apresentação e os resultados obtidos nas questões específicas da educação (escolar ou não), objeto de atenção neste trabalho, considerou-se necessário uma síntese das questões anteriores. Sobre o instrumento “questionário”, observa-se que, mesmo nas questões cujas alternativas já estavam delimitadas, foi deixado em aberto um espaço para que os sujeitos pudessem acrescentar alternativas não definidas previamente.

As duas primeiras questões são abertas e indagam sobre as “melhores” e “piores” coisas de ser jovem em nossa sociedade. Como questões abertas várias foram as respostas dadas. Por ordem de importância, obtiveram-se para as “melhores coisas”: a “diversão”, as “poucas obrigações” e a “oportunidade de educação/adquirir conhecimentos”; e, para as “piores”, foram: “excesso de responsabilidade/atividades/cobrança”, “não ser responsável por si mesmo, ter que depender dos pais” e “não ser ouvido, compreendido” (ser visto como “inexperiente”, “delinquente” e outros). Também aberta, a Questão 3 solicitou que citassem os “três assuntos que mais lhe interessam”, por ordem de importância. Obteve-se uma variedade de respostas, sendo a “educação/escola/faculdade” a primeira opção indicada por 68 jovens, seguida da família, com 49 escolhas. A Questão 4 pedia resposta sobre as “expectativas em relação à vida pessoal nos próximos anos” e apresentava quatro alternativas: “vai melhorar, tende a piorar, vai continuar como está, não sei”. Nesta, as respostas obtidas foram 116, 3, 1 e 9, respectivamente, evidenciando certo “otimismo” em relação à sociedade e às próprias vidas.

Por fim, na Questão 5, foi solicitado que enumerassem, de 1 a 6, “os locais listados pela importância que têm em sua vida”. Os locais apresentados foram: família, escola, igreja, trabalho, rua e outros. Para a opção “outros”, foi solicitado que apontassem “quais” eram esses locais. Todos esses itens foram alvo de primeira escolha, contudo os resultados gerais apontam a “família” como o lócus mais importante, com 93 escolhas. Se considerarmos, entretanto, as três primeiras escolhas em cada um dos itens, tem-se o seguinte resultado:

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

família, 124; escola, 100; igreja, 83; trabalho, 39; rua, 6; e outros (vizinhos, lazer e outros), com 14 escolhas.

Como indicado anteriormente, as sete questões seguintes referem-se à educação. Na Questão 6, indagou-se se “a escola atende suas expectativas de aquisição de conhecimentos”, para a qual se obtiveram as seguintes respostas: 60 responderam que “sim”; 8, que “não”; e 61, “algumas vezes”. Na questão seguinte, de número 7, “para que serviram ou servem” esses conhecimentos, obtiveram-se os seguintes resultados: 93 afirmam que “para o futuro profissional”; como segunda (41) e terceira (32) escolhas, totalizam-se 73 sujeitos que afirmam servir para “entender melhor a vida, o dia a dia”; e, como quarta escolha, aparece o entendimento do “município, estado e país”, com 33 opções. Essa questão ainda incluía itens como: “para o trabalho atual”, “fazer amizades” e “outras” utilidades. Em todas as alternativas, aparecem escolhas, mas ressalta-se que 20 sujeitos apontaram como primeira escolha a alternativa “outras utilidades”, e entre elas para “acesso a internet”, “formar o caráter” ou para “dizer que passei de série, mais não aprendi quase nada”.

Indagou-se na oitava questão se “a escola trata de problemas e questões da atualidade”, e 41 responderam que “muito”, 68 “pouco”, 18 “raramente” e 2 que “não trata”.

A Questão 9 pergunta se “a escola entende os jovens e se interessa pelos seus problemas” e 7 sujeitos responderam que “sim”, 27 “pouco”, 73 “mais ou menos” e 22 que “não entende”.

A Questão 10 solicitava posições sobre a participação em “outras atividades na escola além das aulas”, os resultados foram os seguintes: 29 responderam que “sim”, 56 que “não” e 45 “algumas vezes”. E, no sentido de averiguar outras atividades das quais esses sujeitos participam na sua formação educacional ampliou-se para o espaço “fora da escola”; assim a última questão, de número 13, questionou se complementavam a “educação em outras situações ou atividades”. Afirmaram que “sim” 79 jovens e 48 que “não” e 2 não responderam. Ao buscar as atividades das quais participam, pode-se observar que várias estão relacionadas ou dirigidas para a educação escolar, como: cursinho pré-vestibular, curso de inglês/línguas, capacitação ou curso profissional, informática, leitura, pesquisas na internet e em programas/projetos. Outras atividades citadas foram: música, futebol, exercício físico, ações sociais no bairro onde moram e participação em atividades religiosas.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Na décima primeira questionou-se se pretendiam “continuar os estudos após concluir o ensino médio” e a resposta positiva foi expressiva, pois 119 sujeitos afirmaram que “sim” e somente 3 que “não”; ainda 6 responderam “provavelmente”, justificando alternativas, entre as quais: estar cursando ao mesmo tempo um curso técnico, ter uma perspectiva de se firmar em uma “banda de rock” e “não saber o que fazer”.

Perguntados, em questão aberta, sobre o que fariam se pudessem “mudar o funcionamento da escola” as respostas foram variadas, com críticas que vão da estrutura física às relações interpessoais e de poder (ou de força), que se desenrolam no interior das instituições em pauta. Não foi feita qualquer limitação, assim um mesmo sujeito pôde dar várias respostas. Relacionou-se a seguir parte delas: modo de ensinar/avaliar (28); melhor infraestrutura (22); ouvir as opiniões dos alunos e informá-los do que está acontecendo, escola “mais democrática”, acesso às autoridades da escola (16); que os funcionários falassem a “mesma língua” (9); diálogo e pessoas mais educadas - direção, coordenação, alunos (13); melhoraria a qualidade/capacitação de alguns professores (7); “trocaria a direção” (relação de medo por parte dos professores) e “trocaria alguns professores” (6); mais tecnologia digital e acesso de todos a ela (11); e mais vinte outras respostas que poderiam ser acrescidas como organização do currículo, atendimento aos pais etc. A resposta de que “não mudaria nada” aparece 12 vezes.

CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO

Os resultados das questões iniciais permitem reconhecer família e escola como instituições importantes na formação dos jovens consultados. Referenda a noção amplamente difundida, e sem dúvida crescentemente questionada, da importância das mesmas nas sociedades ocidentais. Aponta ainda para o espaço que igreja/religião vem ocupando na vida de parte desses sujeitos. Por outro lado, indica a presença de jovens que buscam e afirmam outros lugares e práticas como significativos na constituição de si mesmos. Os escritos demonstram ainda possibilidades e limitações enfrentadas nesse momento da vida. Entre as oportunidades ressaltam a diversão, o acesso à escola e ao trabalho e, como aspectos negativos, evidenciam como são estereotipados como “inexperientes”, “irresponsáveis”, “delinquentes” ou incapazes de tomar decisões, entre outras.

Nas questões dirigidas à educação os resultados explicitam a importância dada à escola, em acordo com os discursos em circulação na atualidade. A educação retratada pelos

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

sujeitos encontra-se dirigida ao trabalho e ao futuro. Também para o entendimento do dia a dia, da vida cotidiana, que inclui o espaço-tempo escolar, sobre o qual um percentual significativo dos jovens afirma não se sentir escutado e nem entendido.

Ao serem indagados sobre mudanças que poderiam realizar nas práticas escolares, observou-se que as respostas estão expressivamente dirigidas às relações interpessoais, consideradas problemáticas. Apresenta-se a escassez de diálogo, de respeito, levando alguns a proporem a retirada da direção e de professores do ambiente escolar. Realçam a necessidade de “educação” nas relações, envolvendo os próprios alunos e o atendimento aos pais.

Pode-se afirmar pelos resultados que parte dos jovens sente-se “abandonada” dentro da própria escola. Ainda assim lá permanecem horas por dia e por vários anos de suas vidas. Mesmo os sujeitos que não adotam ou reconhecem plenamente a “escolarização” como finalidade em suas vidas, estão imersos e impelidos a repetir sua importância (por direito, obrigação, falta de opção ou desejo de fazer parte), evidenciando sua “utilidade”, mesmo perspectivando sua validade para o improvável do futuro. Futuro esse indicado como melhor que o presente.

Em ambos os casos essas práticas e discursos que circulam dentro e fora da escola, em especial a partir dos anos de 1990, explicitam tanto sua imprescindível necessidade como sua “ineficiência” na tarefa de escolarizar e preparar crianças e jovens. E, simultaneamente, para tentar explicar certo “fracasso” na educação desse grupo, tais discursos afirmam o comportamento “conturbado”, “inadequado” e “desinteressado” dos mesmos. Para esses estereótipos e com apoio das disciplinas “psi” foi aberto um lugar para alojar o “diferente”, a “anormalidade”, naturalizá-la e, disso, fabricar e conformar o sujeito, caracterizá-lo. O sujeito pôde assim constituir sua subjetividade normalizado (e “incluído”) pela sua diferença.

Toda essa produtividade discursiva, “regime de enunciações”, sobre escolarização e subjetividades jovens, conectadas a outros discursos e práticas, configuram e delimitam as capacidades individuais, ou o que se pode dizer e fazer, pensamentos e ações, que se deslocam e mudam a cada momento histórico e lugar.

Levando-se em consideração as respostas dadas observa-se ainda que os jovens não se conformam nessas práticas e discursos de modos idênticos; alguns não se veem dando continuidade aos estudos, outros resistem ao imobilismo e a falta de diálogo.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Os aspectos provisórios apontados neste trabalho determinaram a pergunta explicitada na denominação do artigo acerca do que estamos fazendo de nossos jovens, e sem dúvida de nós mesmos, nos espaços educativos onde estamos pensando e fazendo.

É nessa direção que se pretende dar continuidade a pesquisa ora apresentada, levantando elementos sobre o que esses jovens estão fazendo, com o que se tenta fazer de suas vidas, e como um convite à reflexão e ao diálogo.

REFERÊNCIAS

- Brasil. (2009). Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Censo educacional*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: set. 2013.
- Fischer, R. M. B. (2001). Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223.
- Fischer, R. M. B. (2012). Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. In: _____. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica. p. 73-96. (Coleção estudos foucaultianos).
- Foucault, M. (2001). *A ordem do discurso*. Organização e tradução de Roberto Machado. 16. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Graal.
- _____. (2000). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. 23. ed. Petrópolis: Vozes.
- Leão, G. M. P. (2006). Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.1, p. 31-48.
- Moehlecke, S. (2012). O ensino médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 49, p. 38-58.
- Revel, J. (2005). *Foucault: conceitos essenciais*. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz.
- Rocha, M. L. da. (2000). Educação em tempos de tédio: um desafio à micropolítica. In: Tanamachi, E. de R., Proença, M., Rocha, M. L. da (Org.). *Psicologia e educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rose, N. (2001). Inventando nossos eus. In: Silva, T. T. da. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica.
- Silva, M. R., Pelissari, L. B., Steimbach, A. A. (2012). Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. *Revista Educ. Pesq.*, São Paulo, *ahead of print*.
- Ziliani, R. L. M., Osório, A. C. N. (2010). Artes em profissionalizar: programações do Centro de Educação Rural de Aquidauana, Estado de Mato Grosso do Sul. *Acta Scientiarum. Education*, v. 32, n. 2, p. 287-296. doi: 10.4025/actascieduc.v32i2.10392

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Ziliani, R. L. M. (2012). *Escolarização e juventude: a objetivação dos sujeitos e a “constituição de si” entre possibilidades e expectativas.* (2012-2014). Dourados, FAED/UFGD. Projeto de pesquisa em andamento.